

CHRYSTIAN DE SABOYA E OS
AGITOS DOS CHIQUES E
FAMOSOS

PÁGINA 3

KARENINE FERNANDES E A
IDENTIDADE DE
WALTER LIM SILVA LOPES

PÁGINA

O POTI MUITO

EDIÇÃO DOMINICAL DO DIÁRIO DE NATAL, 4 DE MAIO DE 2003
Editor: moises@diariodenatal.com.br

CARLOS MAGNO DANTAS
TRAZ O CASAMENTO DE
IZABELLE E ALEXANDRE

PÁGINA 4

Ry Cooder em
duo com a canção
cubana

Final da década de noventa
foi marcado por uma espécie
de explosão ou onda da música
cubana, até então restrita aos
limites geográficos da ilha de
Fidel - salvo a ação de um ou
outro artista exilado.

PÁGINA 6

TERAPÊUTA DIVULGA O
PODER MEDICINAL DAS
FLORES DA AMAZÔNIA

PÁGINA 5

Fotos: Divulgação/Rodrigo S. Britto



Antigo Palácio do Governo, onde hoje está localizada a atual Pinacoteca do Rio Grande do Norte



Memorial Câmara Cascudo, localizado na cidade Alta, que guarda o acervo do folclorista, está sendo reavaliado

PATRIMÔNIO FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO EMPREENDE LEVANTAMENTO SOBRE A SITUAÇÃO DOS MUSEUS

RADIOGRAFIA DOS MUSEUS POTIGUARES



O Museu de Arte Sacra, localizado em Anexo à Igreja do Galo

A regaçar as mangas, vasculhar arquivos, azeitar engrenagens as quais a inércia e a burocracia já tinham dado conta de emperrar. É com essa disposição, que o Centro de Documentação da Fundação José Augusto - divisão administrativa responsável pela gerência de oito museus na capital e três no interior - está dando início a uma ampla reforma, cujo cerne se encontra em um minucioso inventário produzido pelo museólogos da instituição.

Segundo o diretor do Centro de Documentação Cultural da FJA, poeta e pesquisador Dácio Galvão, o inventário museológico pode ser considerado como a principal bandeira do CDC. O Conselho Consultivo recém nomeado pelo Diretor-Geral François Silvestre é autônomo em suas sugestões e formado por cinco autoridades especialmente convidadas a integrá-lo em caráter permanente. Objetiva democratizar os caminhos a serem estabelecidos.

Dele fazem parte o antropólogo Dr. Luís Assunção, o mestre em Artes Antônio Marques, o arquiteto e artista plástico Flávio Freitas, além das museólogas Odinelha Targino e Silvana Lira.

"O conselho sempre vai estar mobilizado e consultado para a implantação de diretrizes para uma política museológica", explicou Galvão. Como tarefa que deverá exigir absoluta acuidade na avaliação de aspectos que ul-

trapassam a simples identificação de material, o inventário pretende atingir os acervos de todos os museus, democratizando sobretudo as informações a eles inerentes.

Além de aspectos como a conservação de prédios tombados pertencentes a instituição e a atuação de setores administrativos reciclados, deverão os museus funcionarem em médio e longo prazo, dentro de uma nova projeção.

Os museus de Arte Sacra, o Café Filho, o Memorial Câmara Cascudo, a Pinacoteca do Estado, o Solar João Galvão, o de Arte Popular (este passando por uma reavaliação), a Fortaleza dos Reis Magos, a Biblioteca Pública Câmara Cascudo, o Major Antas (no município de Pedro Avelino), o Monsenhor Expedito (em São Paulo do Potengi) e o Museu Guaporé (parceria da Prefeitura Municipal de Ceará-Mirim com a FJA) são estruturas a exigir uma boa soma de recursos financeiros, redirecionamento de sua arrecadação financeira proveniente de visitas recebidas, capacitação de monitores para visitas guiadas, guardas de salas para proteção de acervos, aumento do contingente de guardas patrimoniais, informatização, qualificação do corpo administrativo, restauração de bens móveis e imóveis artísticos e elaboração de regimentos internos, salvaguardadas as especificações de cada museu.



Reforma do Museu Café Filho deverá exigir novos recursos financeiros

POPULAÇÃO DESCONHECE A RIQUEZA HISTÓRICA

"Tudo está sendo pensado cautelosamente com a Direção-Geral", menciona Dácio Galvão, referindo-se ao papel do atual Diretor da Fundação José Augusto, François Silvestre, partícipe de todo o processo.

Não é muito difícil compreender o objetivo do plano que dependerá fundamentalmente de aporte financeiro: instituições na sua maior parte relegadas ao completo desconhecimento por parte do público que não está inserido no universo dos grupos de pesquisa ou nas tradicionais "visitas escolares" tornam-se impopulares e se elitizam por falta de política pública.

Os museus do Rio Grande do Norte especialmente os da capital, repousam hoje num dado ostracismo, à exceção da Fortaleza dos Reis Magos e a Biblioteca Pública Câmara Cascudo que atendem a uma demanda de público dentro da expectativa.

Alguns pontos atraentes são ressaltados nos museus por Dácio Galvão. Ele aponta, por exemplo, o acervo que encerra o Museu de Arte Sacra, para quem

não sabe, localizado no anexo da Igreja Sto. Antônio (Igreja do Galo), Centro da Cidade: "São obras sacras de grande importância. Em particular as peças do período barroco.

Um outro material que deveria ser conhecido por apreciadores de arte e da arqueologia de todo o mundo são as peças arqueológicas coletadas na Fortaleza dos Reis Magos", frisou.

O acervo memorialístico do Museu Café Filho e o bibliográfico do Solar João Galvão merecem do diretor uma deferência especial: são cartas, documentos históricos e etnográficos de grande valor para aqueles que encaram com seriedade a memória cultural do Rio Grande do Norte.

Projetos como o curso para Monitores de Museus, restritos aos funcionários da instituição, já em curso através da sub-coordenadoria de museus e o Programa de Música nos Museus a ser implementado em parceria com o Instituto Waldemar de Almeida-FJA, também encham de entusiasmo o pesquisador: "Estamos pensando em levar



Interior da Pinacoteca do Estado que abriga obra de artistas locais

músicos renomados a cada um desses espaços, mês a mês, de acordo com o universo estético de cada unidade museal", detalhou Galvão.

Eventos de valorização literárias estão na pauta do Centro de Documentação Cultural. "Fora o acervo de 75 mil volumes da Biblioteca Pública Câmara Cascudo disponíveis para consultas, estimularemos a abordagem através de comunicações periódicas de figuras de re-

levância histórico-cultural, incluindo, quando possível, uma relação direta com o acervo existente", esclareceu.

Para a Pinacoteca do Estado, dirigida pela fotógrafa e produtora cultural Candinha Bezerra, os planos são de se trabalhar numa linha de valorização das Artes Plásticas brasileiras "com recorte específico para a produção local". Estudam-se exposições temáticas partindo inicialmente do acer-

vo adquirido e a abertura para pesquisas didáticas empreendidas por colégios das redes pública e privada.

Incidirá igualmente sobre este aspecto, o principal interesse da Fundação José Augusto no tocante a atuação dos 11 museus que administra: articular com a Secretaria de Educação do Estado, ênfase na exploração pedagógica do conjunto de acervos. Trata-se de uma medida que poderá colocar os outros museus num patamar de visitas equivalentes às da Fortaleza dos Reis Magos guardadas evidentemente, proporções inclusive físicas.

O que interessa é dimensionar as visitas como referência cultural. O complemento do raciocínio conduz a expectativa de que a FJA parta definitivamente para uma política de valorização do patrimônio histórico e artístico, almejando também o segmento turístico/cultural. Providências que incluem a restauração de prédios, como a que está sendo agilizadada para o imóvel onde está sediada a Pinacoteca do Estado, já faz parte desta nova mentalidade.



Imagem de São Francisco de Assis



Interior do Museu de Arte Sacra

OSAIR Vasconcelos

A ação do bandido e o discurso da autoridade

Quem já passou pelas mãos de um bandido sabe que ele fala pouco e age rápido. E age todo dia.

Já todos nós, que acompanhamos a questão da insegurança no Brasil e no Rio Grande do Norte, sabemos como faz a autoridade: fala muito e age pouco. E

raramente.

A questão da violência, da insegurança do cidadão e da ação, organizada ou não, dos bandidos, é um fato presente no dia a dia do brasileiro e do potiguar já há décadas. Ela atingiu esses níveis a partir do violento fenômeno do crescimento das cidades nos anos 70.

De lá para cá a coisa só piorou. De um lado, piorou porque aumentou o número de marginalizados da sociedade que se transformaram em bandidos. Piorou porque os bandidos se tornaram mais audaciosos e violentos. Piorou porque os bandidos aprenderam novas técnicas e se tornaram organizados. Entre outras coisas.

De outro lado, piorou porque os ocupantes dos cargos públicos abdicaram da autoridade. Piorou porque a polícia passou a

abrigar bandidos. Piorou porque a polícia desaprendeu como prender. Piorou porque a justiça brasileira solta com uma incrível facilidade. Piorou porque a polícia não acompanhou a “modernização” dos bandidos em seus vários aspectos.

E piorou porque a autoridade ficou perdida no quanto e em como agir. A autoridade só desenvolveu, neste período, a capacidade de falar. Fala e fala. De preferência, sempre botando a culpa na autoridade passada. E alinhava explicações e mais explicações. Fala e fala. Bla bla bla e bla bla bla...

E ação que é bom, bla bla bla...

A perspectiva pois, senhoras e senhores, é sombria. É de pouco verbo e muita ação dos bandidos e muita fala e pouca ação das autoridades. No Brasil e aqui.

Até que me provem o contrário. Com ações.

O resto é bla bla bla.

osair@diariodenatal.com.br

GRAÇA Aquino

Um novo Zorba num novo tempo

Será que o mundo é uma prisão perpétua para aqueles que aqui precisam estar? - indagava-se Zorba.

Na verdade, ele tentava resistir a uma tristeza que persistia em tomar corpo. As recordações eram muitas e, a cada flash que tomava forma, o jovem suspirava. “Que tempo!” Nesse momento, uma doce luminosidade tomou conta do quarto e Zorba per-

cebeu meu olhar lento sobre ele. Voltou-se para a janela tentando esconder seu rosto para que eu não pudesse captar sua emoção e, ao mesmo tempo, para disfarçar sua tristeza. Não sabia ele que aqueles sentimentos eram nossos, não apenas dele. Talvez estivéssemos com os mesmos pensamentos: “A única maneira de você se salvar é lutar para salvar os outros.” Talvez por isso, a nossa busca e o encontro com o Ensino Divino. Ele tinha um coração tão cheio de bons sentimentos, mas ainda pensava que era vergonhoso não dominá-los, pois revelar emoções tão fortes seriam fraquezas indignas de um homem.

Em meio a tanta resistência, bastou-lhe um toque no ombro e um forte olhar bem no fundo do olho, para que as lágrimas jorrassem e ele, um tanto quanto atrapalhado, abrisse a boca para tentar justificar-se... Interrompi-o: “O que mais me impressiona são os seus olhos tristes, porém, ao mesmo tempo, inquietos e cheios

de vida.” E fiquei pensando nesse paradoxo. “Mas não se preocupe, o amor é mais forte que a morte” - complementei.

Retirei-me do quarto e passei a respeitar sua hibernação, que durou exatamente trinta dias. Cumprimentávamos-nos carinhosamente durante os dias e noites, mas diálogos longos como os de outrora não cabiam naquele momento. Passados sete dias, ele dirigiu-se a mim: “A alma humana, entranhada na carne está ainda em estado bruto, imperfeita. Não pode, com suas faculdades insuficientemente desenvolvidas apresentar um pressentimento claro e seguro.”

Passados mais sete dias, procurei-me e falou-me da sua decisão de partir para o Japão, onde faria um curso de aperfeiçoamento. Depois de uma semana despedimo-nos com lágrimas nos olhos, no entanto, felizes. Mas sua atitude ainda tinha um sentido oculto para nós. “Assim que começamos a ficar alegres, nosso coração se abre.” - Foram suas palavras de despedida. Nossos olhos eram de um brilho incomparável e nossos lábios não estavam nem secos nem amargos.

CARLOS Magno Araújo

A tenebrosa vida dentro do universo das senhas

Se algum dia o sistema que rege a vida em sociedade nestes tempos modernos vier a criar um código de conduta para o cidadão, com as normas que devem ser seguidas com austeridade para se levar uma vida mais fácil, certamente a que o levará mais rápido à loucura é a que estabelecer o uso de senhas. Hoje, ele precisa gravar a senha da conta no

banco, a senha do celular, a senha de acesso à internet, a senha de acesso à caixa de correio eletrônico, a senha de inscrição da TV paga. Se tiver o luxo de possuir uma caderneta de poupança, também precisa ter o código sempre que precisar da consulta. Nos bancos eletrônicos, para se fazer uma simples conferência, há quase um interrogatório virtual: digite os dois últimos dígitos do ano de nascimento do titular, os dígitos do mês de aniversário, etc, etc. Parece brincadeira? Tenho um amigo que resolveu guardar escondido na carteira todos as senhas de que precisa para viver no dia a dia, uma forma de socorrer-se nos momentos de desespero diante de um caixa de banco, por exemplo. Mas receoso de que o papel fosse parar em mãos indevidas, decidiu criar ele próprio códigos pessoais para identificar suas senhas. No começo, só ele sabia que LKJH era o código que criou para a

conta do banco e que a senha 1234 era, na verdade, 4321 disfarçado; M435, por sua vez, era código para identificar a conta da Internet, que ele anotou como sendo DRE3 e era mesmo DRE3, uma maneira que julgava malandra para ludibriar o futuro curioso. Depois de pouco tempo ficou tudo tão confuso que nem ele sabia o que significavam os papéis. Além do mais, me disse, se a própria mulher imaginava que aquilo tudo era só um despiste para guardar o telefone das namoradas, imagine o que não pensaria a polícia se descobrisse seu segredo. Hoje vive o dilema dos códigos e das senhas. Às vezes lembra do tempo dos avós, das mercearias e bodegas que funcionavam sem segredos, e reclama das peças pregadas por estes métodos modernos de transmissão de informação. No tempo deles, dos avós, tecnologia mesmo eram os olhos, criação magnífica e demonstração mais eficaz e evidente de até onde poderia ir a engenhosa mente humana. Estou com os avós dele e não abro.

cmagno@diariodenatal.com.br

V . I . A . G . E . M I . N . S . Ó . L . I . T . A

D'Luca



Leonardo de Oliveira

Aos 23 anos, Leonardo de Oliveira da Vinci provoca a inveja de muitos meninos de sua idade. Vocalista de uma das mais festejadas bandas de quebradeira do estado, o Fera Samba - que possui 60 fãs clubes cadastrados e ativos - este carioca que adotou Natal como sua terra, tem o sonho de ser reconhecido no Brasil pelo seu trabalho. Apesar de jovem, já passou por um momento difícil na vida, um acidente durante o carnaval de 2002 na Redinha vitimou um de seus melhores amigos, Wallace. Hoje, o seu maior desejo é festejar a vida.

Qual sua palavra favorita?

Amor.

O que você nunca seria?

Infeliz.

Qual é a melhor mentira?

Quando eu sei a verdade.

Conte um segredo de viajante.

Desço em todas as paradas.

Qual o livro que você leu de um fôlego só e leria novamente?

Os Caras.

Que som você detesta?

Rock pesado (heavy)

Quem mais o influenciou?

Beto Jamaica, do É o Tchan.

Qual a melhor coisa do sexo?

Fazer com a pessoa amada.

Pessoas arrogantes e prepotentes merecem o quê?

Viver sozinhas e isoladas da sociedade.

Você gosta de ouvir pessoas que não sabem ouvir?

Não, não tenho paciência.

De que você tem medo?

De não atingir meus objetivos.

O que lhe seduz no jogo da criação?

O desafio.

O que existe de melhor no seu lado escuro?

Acho que não tenho um lado escuro.

O imaginário lhe apavora?

Apavora, pelo desconhecido.

Como você convive com seus sonhos?

Sonhando cada vez mais.

Qual a pior verdade?

A que magoa os outros.

O que você acha do dinheiro?

Não é tudo, mas ajuda muito.

O que nunca deveria faltar?

A família, felicidade, paz, saúde e minha noiva.

Quando você conta até dez?

Quando sou enganado.

O que anda sobrando por aí?

Violência e guerra.

O que a boca diz quando a alma grita?

Calma que é passageiro.

Qual o mal deste início de século?

A guerra, a intolerância.

O que dói em Natal?

As mesmice das coisas.

Em que situação você diz um palavrão?

Em muitas.

Quem você mandaria para o céu?

Todas as pessoas que eu amo.

E para o inferno?

As pessoas invejosas.

Se chegasse ao céu, qual seria a sua primeira palavra?

Obrigado!

E se chegasse ao inferno?

Tô f...